

Urbanidade das cidades pequenas na contemporaneidade

LUANA PAVAN DETONI¹; EDUARDO ROCHA²

¹ Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas –
luanadetoni@gmail.com

² Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas –
amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

As cidades pequenas apresentam algumas características singulares na forma em que o espaço urbano é apropriado por seus habitantes, como por exemplo: o hábito de sentar na frente da casa, o cultivo de horta e pomar, a ornamentação dos jardins, as crianças brincando nas ruas, entre outros. Sendo que, essas relações sociais e simbólicas estabelecidas nas áreas públicas e contíguas acabam por desempenhar um papel importante nos modos de vida da comunidade local. Desde a aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia da diferença, utilizando o método da cartografia, busca-se contribuir a cerca das adversidades da arquitetura e urbanismo, quanto a apreensão dos territórios das cidades pequenas, considerando a atualidade e os possíveis desejos de intervenção.

As subjetividades são produzidas pelos territórios, bem como os territórios tecidos pelas produções subjetivas (FOUCAULT, 2008). Visto a urbanidade como um devir urbano, uma experiência de transcendência das diferenças sociais no momento da interação e da imersão em um território (NETTO, 2013). A partir desse contexto traça-se a problemática dessa pesquisa, que é: Como a urbanidade das cidades pequenas vêm acontecendo na contemporaneidade? Como princípios da cidade grande vem sendo capturados pela cidade pequena e vice-versa?

A maioria dos estudos em arquitetura e urbanismo tem interesse nas cidades grandes. Entretanto, as pesquisas sobre cidades pequenas também requerem destaque, pois esses territórios não estão dissociados dos processos econômicos, políticos, sociais e culturais do fenômeno da urbanização. No Brasil, conforme os dados do ano de 2000, estatisticamente 83% dos 5.507 municípios existentes tinham como sede municipal núcleos de população inferior a 20 mil habitantes, ou seja, pertenciam a classe das cidades pequenas (SOARES; MELO, 2010). Contudo, de acordo com Milton Santos (1982), aceitar um número mínimo para caracterizar diferentes tipos de cidade é incorrer no perigo de uma generalização.

A compreensão da cidade pequena nessa pesquisa está aliada a experimentação das cidades de Pedro Osório (8.011 habitantes), Cristal (7.750 habitantes), Morro Redondo (6.529 habitantes), Cerrito (6.481 habitantes), Turuçu (3.596 habitantes) e Arroio do Padre (2.883 habitantes), adjetivadas a priori pelo número da sua população, localizadas na microrregião de Pelotas (342.873 habitantes), mesorregião sudeste do Rio Grande do Sul, figura 1.

A pesquisa tem como objetivo, acompanhar a urbanidade das cidades pequenas na contemporaneidade, a fim de tornar visível as singularidades, as diferenças e as subjetividades dos territórios experienciados e tecer pistas de como algumas práticas de planejamento e projeto urbano podem atuar como potências na contemporaneidade.



Figura 1: Localização das cidades das cidades estudadas. Fonte: Commons wikimedia, editado pela autora.

2. METODOLOGIA

De cunho qualitativo, a pesquisa tem como método a cartografia. A implicação da pesquisa qualitativa considera como potencial crítico diferentes metodologias de pesquisa, visto que, o objetivo dos pesquisadores em questionar seus próprios pressupostos e as interpretações subsequentes de acordo com os dados produzidos, juntamente com o modo como os resultados são recebidos e por quem são recebidos, são fatores mais relevantes para a possibilidade de uma ação de emancipação e empoderamento (BAUER e GASKELL, 2012).

A cartografia é uma forma de produção de conhecimento anunciada por Deleuze e Guattari (1995) em *Mil Platôs* volume I, tendo como uma das vertentes principais o trabalho de Suely Rolnik juntamente com Guattari (2013) e os trabalhos de um grupo de acadêmicos – Passos, Kastrup e Escóssia (2009) e Passos, Kastrup e Tedesco (2012) – que têm indicado pistas para o uso da cartografia como método de pesquisa.

Deleuze e Guattari (1995) apresentam a cartografia como um dos seis princípios do rizoma. Ou seja, ela não existe em outro plano que não seja o dos processos rizomáticos. Sendo o rizoma uma forma de acompanhamento e produção do mundo que se pauta pela lógica da multiplicidade. Segundo o princípio da cartografia, o rizoma não possui uma estrutura passível de reprodução ou decalque. Para fazer seu acompanhamento, não é possível delinear eixos genéticos ou estruturas gerativas, mas desenhar um mapa, um desenho movente que possui entradas múltiplas e diversidade de forma. Pode se apresentar como desenho, escrita, obra de arte, ação política. A cartografia é sempre desmontável, reversível, conectável em qualquer uma de suas dimensões e pode ser produzida por um indivíduo, um grupo ou uma formação social.

O método da cartografia se constitui como um modo de conhecer que não busca respostas ou motivos, mas que se dedica a acompanhar os processos. As pistas (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009 e 2012) respondem a um desafio de desenvolver formas de pesquisar que se dediquem ao estudo de processos e que elas próprias se efetuem por uma processualidade, estabelecendo um diálogo com

as metodologias tradicionais e a necessidade imposta por essas metodologias de apresentar etapas passíveis de descrição. Contudo, o processo interativo da pesquisa é influenciado pelos cenários das histórias pessoais, das subjetividades.

Os procedimentos metodológicos contemplam revisão bibliográfica a respeito das teorias do urbanismo contemporâneo, da filosofia da diferença e das pequenas cidades; a cartografia das singularidades, com imagens fotográficas e fílmicas, descrições em caderno de campo, entrevistas e mapas; juntamente com uma pesquisa dos dados: estatísticos, históricos, geográficos das pequenas cidades estudadas. Todos esses movimentos são realizados a fim de estabelecer um plano comum entre a bibliografia e os processos cartografados descritos, analisados e experimentados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em estado inicial, na fase de revisão teórica e bibliográfica, para posterior experiência em campo e desenvolvimento da pesquisa. Para Janes Jacobs (2000), as cidades apresentam características particulares condicionadas por sua história, pelo ambiente geográfico onde estão inseridas, pelas características de sua população, e até mesmo do seu porte, sendo um erro a tentativa de entender as cidades menores com base nas metrópoles.

As cidades pequenas encontram-se num momento crítico de mudança, se deixarem escapar a possibilidade de coexistências entre o urbano repetição e o urbano diferença, elas serão apenas um receptáculo, um conservatório de toda uma gama de objetos e funções que já estão prontos. Repetir não é acrescentar. A repetição é a universalidade do singular. Trata-se, portanto, de um aniquilamento da possibilidade de contrarrazões e de diferenças. As cidades que se sujeitam a estas determinações configuram-se como corpos dóceis, passivos e passíveis de serem dominados pelo urbano como negatividade, como padronização(WENDEL, 2015).

Para as cidades pequenas, mais do que a classificação demográfica, é fundamental o entendimento sobre suas características, seus cotidianos, suas funções e suas formas. Acrescentam-se também, aos estudos da produção do espaço urbano na contemporaneidade, as modificações frutos da representação da “modernidade” para as pequenas cidades, as quais recebem formas, objetos, conteúdos e problemas dos núcleos maiores. Seu consumo e sua consumação incorporam os novos modos de vida urbana e constroem os tradicionais marcos simbólicos dessas cidades, observáveis nos espaços públicos, nas ruas e praças.

4. CONCLUSÕES

A urbanização chega à cidade pequena e não encontra um vazio ou uma tabula rasa como a utopia do urbanismo moderno, ela entra em contato com o que existe. Os planos metodológico apresentados para a apreensão do processo de produção do espaço urbano em cidades pequena—econômico, morfológico, político e cotidiano—apesar da diferenciação participam do mesmo processo. Assim como, a enunciação do rizoma pelos princípios de conexão e heterogeneidade, não há uma ordem de ligações, nem tronco principal, o acompanhamento e produção do espaço é pautado pela lógica da multiplicidade, em contraposição a lógica da dicotomia (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

O território é uma noção geográfica, mas antes de tudo, uma noção jurídico-política (FOUCAULT, 2008), designa o que é controlado por determinado tipo de poder. As relações de poder são relações de força e de resistência que permeiam

um determinado espaço e tempo. Essas relações produzem subjetividades, que para Guattari e Rolnik (2013) é a matéria-prima para qualquer produção. O que é produzido em uma sociedade tem sentido para determinado sujeito e para a sua cultura, enquanto para outra é apenas um mero objeto estranho.

O sujeito, ao mesmo tempo em que se subjetiva ao fazer a experiência de si, também é subjetivado conforme as condições externas de possibilidade de seu tempo e de cultura, fato que questiona uma suposta autonomia e liberdade, dentro da responsabilização individual, afinal o sujeito só existe nas relações (FOUCAULT, 1995).

Nesse sentido o arquiteto e urbanista, enquanto produtor de cidade e consequentemente de subjetividade, pode ficar à espreita dos processos que perpassam a urbanidade e a partir da prática do cartógrafo-arquiteto (ROCHA, 2008) expropriar, apropriar, devorar e desovar, transvalorar os acontecimentos contemporâneos nos territórios das cidades pequenas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, Gaskell; ALLUM, Nicholas C.. **Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento**. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 17-36.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: Dreyfus, H e Rabinow, P. Michel Foucault: Uma trajetória Filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo, Brasil: Martins Fontes, 2008.
- GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- NETTO, Vinicius. **A urbanidade como devir do urbano**. EURE: Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales. Vol. 39 , n. 118, setembro de 2013, p. 231-261. Disponível em: <http://www.eure.cl/index.php/eure/article/view/349/627>. Acesso em 20/10/2015.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílíana (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- ROCHA, Eduardo. **Cartografias Urbanas: método de exploração territorial**. **PROJECTARE 2: Revista Científica de Arquitetura e Urbanismo**. Pelotas: UFPel, 2008, p. 163-174.
- SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida de. **Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais**. In: Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010, p. 229 - 247.
- WENDEL, Henrique. **Diferenças e repetições na produção do espaço urbano de cidades pequenas e médias**. In: Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010, p. 45 - 58.